



Gilberto Freyre, leitor de Luís de Camões

Gilberto Freyre, Reader of Luís de Camões

Anco Márcio Tenório Vieira

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco / Brasil

ancovieira@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0001-9192-7837>

Resumo: Este trabalho aborda o modo como Gilberto Freyre, a partir do seu olhar expressionista, emulou Luís de Camões. Rompendo as fronteiras entre o homem Luís de Camões e a sua obra, Freyre diluiu os limites que separam o autor do narrador, rompendo também as fronteiras entre o sujeito e o seu objeto de estudo. Desse modo, Freyre inscreve Camões e a sua obra em sua gramática sociológica e antropológica e, principalmente, o eleva ao panteão de um dos percussores do Lusotropicalismo.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; Luís de Camões; Lusotropicalismo; emulação.

Abstract: This work discusses the way Gilberto Freyre, from his expressionist gaze, emulated Luís de Camões. Breaking the boundaries between Luís de Camões as a man and his work, Freyre diluted the boundaries that separate the narrator from the author, also breaking the boundaries between the subject and his object of study. Thereby, Freyre inscribes Camões and his work in his sociological and anthropological grammar and, mainly, elevates him to the pantheon of one of the Lusotropicalism pioneers.

Keywords: Gilberto Freyre; Luís de Camões; Lusotropicalism; emulation.

Um “[...] mestre de radicalidade”. É assim que Antonio Candido (1987, p. A-12), em artigo publicado na *Folha de S. Paulo*, define o Gilberto Freyre dos anos 30 e 40: o autor de *Casa-grande & senzala* (1933), *Sobrados e Mucambos* (1936) e *Nordeste* (1937); o organizador do primeiro Congresso Afro-Brasileiro, em 1934; o opositor do Estado Novo de Getúlio Vargas e do seu interventor em Pernambuco, Agamenon Magalhães; o Deputado Constituinte eleito pelos estudantes e pela esquerda democrática de Pernambuco, em 1945.

Em seu artigo, publicado quando da morte de Freyre, em julho de 1987, Candido – mesmo fazendo restrições às posições intelectuais e políticas que o “Mestre de Apipucos” assumira depois do Golpe civil-militar de 1964 –, lembra que os seus livros tiveram um impacto imenso na sua formação intelectual e que as suas obras sacudiram “[...] uma geração inteira, provocando nela um deslumbramento como deve ter havido poucos na história mental do Brasil” (CANDIDO, 1987, p. A-12). Esse deslumbramento se deu por ele saber misturar

[...] à linhagem aristocrática uma grande simpatia pelo povo, que o levara a combater as ditaduras e acreditar nas virtudes da mestiçagem como fator democrático, que deveria produzir nestes trópicos uma civilização ao mesmo tempo requintada e popular, herdeira da Europa e criadora de um nobre timbre próprio (CANDIDO, 1987, p. A-12).

Prosseguindo as suas reflexões sobre os motivos que provocaram esse “deslumbramento”, o autor de *Formação da literatura brasileira* assinala a maneira como Freyre, por meio de um “modo desabusado de ver as coisas” e de “maneira extremamente liberta”,

desmontou a concepção solene da História Social, falando com saboroso desafogo de sexo, relações de família, alimentação, roupa. Era o discernimento iluminado com que sugeria a importância dos traços menores, dos fatos humildes; o cumprimento, a receita de doce, a festa de padroeiro, o bigode, o anúncio de jornal, a anedota. Era sobretudo a franqueza com que mostrou a presença do negro no cerne da nossa vida, chamando a atenção de todos para a necessidade de estudá-lo, revolver a sua contribuição cultural e social, marcar o seu papel na formação do Brasil (CANDIDO, 1987, p. A-12).

Frise-se, no entanto, que essa “maneira extremamente liberta” com que Freyre promoveu a interpretação da sociedade brasileira em sua obra não se restringiu apenas ao desmontar da “concepção solene da História Social”. Sua caudalosa obra de quase noventa livros e opúsculos e de quase três mil e quinhentos artigos publicados em jornais e revistas (cf. BARBOSA; GASPAR, 2010) se assenta em determinados procedimentos teóricos e metodológicos que, ao seu tempo, colocaram em suspensão alguns dos paradigmas que orientavam o campo das ciências humanas e sociais. Vejamos quatro deles:

Primeiro: a crença, de raiz positivista, predominante ainda em seu tempo, de que as ciências humanas e sociais podiam, teórico-metodologicamente, apreender e descrever a realidade de maneira exata e fotográfica é, em sua obra, substituída pelo alogicismo expressionista. Dessa forma, Freyre submete a realidade exterior ao Eu subjetivo – interior – que encerra em uma só visada análise, emoção, intuição, sensibilidade e interpretação, buscando, assim, ultrapassar as fronteiras entre o sujeito e o seu objeto de estudo. Segundo: ao se contrapor ao modelo positivista de que só a observação dos fatos pode estabelecer verdades, produzir um conhecimento acabado e estabelecer a previsibilidade do “ver para prever, prever para prover” (cf. GIANNOTTI, 2000, p. 5-14), Freyre adota o *ensaísmo* como o gênero textual por excelência para articular e urdir em seus textos as fronteiras entre o sujeito e o seu objeto de estudo. *Ensaísmo* esse que lhe dá a plena liberdade de perseguir a multidisciplinaridade; de nunca precisar concluir nenhum dos seus livros, opúsculos e artigos, deixando sempre em aberto suas análises, interpretações e previsibilidades. Terceiro: sua obra, de um modo um tanto herética, transige o que era predominante e quase sagrado na então moderna antropologia – os estudos de campo –, conciliando-os com os de gabinete, tão ao gosto da antropologia oitocentista, que à época eram considerados como quase ultrapassados. Quarto: Freyre lança mão de uma das mais importantes ferramentas metodológicas da antropologia moderna, o método sincrônico, e pioneiramente o aplica ao estudo de uma sociedade histórica (cf. MELLO, 2001, p. 17-31). Assim, ele pôde passear pela formação, decadência e desintegração da família brasileira sob o regime da economia patriarcal e semipatriarcal em busca das suas constantes (ou não) de caráter e ação, valendo-se de dadas manifestações do presente para explicar ou aclarar aquelas do passado, e vice-versa.

Um aspecto da obra freyreana é fundamental para nossa exposição: o modo como o autor perseguiu, por meio de imagens duais, um movimento dialético que, assinala-se, é dissonante do que apregoa a dialética moderna – seja idealista, seja de extrato materialista marxista. Em Freyre, não há uma síntese das premissas estabelecidas entre as proposições inscritas na tese e na antítese: por meio de sua dialética inconclusa, Freyre interpreta tanto as sociedades ibéricas quanto as que estão situadas nos trópicos; em particular, a brasileira, que se desenvolveu e se modernizou sem que nenhuma daquelas revoluções que definiram (e ainda definem) o mundo moderno

se manifestassem plenamente entre nós. Desse modo, não são apenas os títulos das suas obras que sinalizam para essas relações entre os opostos que nunca chegam a se perfazer em síntese – *Casa-grande & senzala*, *Sobrados e Mucambos*, *Heróis e vilões*, *Aventura e rotina*, *Continente e ilha*, *Tempo morto e outros tempos*, *Insurgência e ressurgência* –, mas também, como anteriormente mencionado, o caráter inconcluso de seus livros, opúsculos e artigos. Disso resulta o fato de que, se, por um lado, temos em sua interpretação do Brasil os opostos se integrando e se interpenetrando (a exemplo das etnias, das suas manifestações culturais, dos seus valores morais, éticos e religiosos), por outro, observamos esses mesmos opostos em permanente conflito. São tensões descritas por Freyre sem meias palavras, como pode ser observado no trecho em que fala dos senhores que mandavam “queimar vivas, em fornalhas de engenho, escravas prenhes, as crianças estourando ao calor das chamas” (FREYRE, 1984b, p. lxxvii); ou das sinhás-moças que “mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa, dentro da compoteira de doce e boiando em sangue ainda fresco” (FREYRE, 1984b, p. 337); ou, ainda, das baronesas que “espatifavam a salto de botina dentaduras de escravas; ou mandavam-lhes cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar a cara ou as orelhas” (FREYRE, 1984b, p. 337). Mas não só. O circo dos horrores se estendia ao campo de guerra. Quando vencidos nas batalhas, os índios eram amarrados pelos portugueses “à boca de peças de artilharia que, disparado, ‘semeavam a grandes distâncias os membros dilacerados’” (FREYRE, 1984b, p. 155); ou “a duas canoas, correndo estas, à força de remos, em direções contrárias até partir-se em dois o corpo do supliciado” (FREYRE, 1984b, p. 155).

Desse modo, se as interpenetrações entre povos e culturas ao longo da formação da sociedade brasileira sinalizam para um “[...] movimento dialético e integrador [...]” (CANDIDO, 1962, p. 124), em um sentido inverso observa-se que as tensões entre esses mesmos povos e culturas impedem que essa dialética entre tese e antítese resulte em uma plena síntese integradora. Sem realizar a sua revolução burguesa (a exemplo da universalização da educação, da construção de uma consciência cidadã e da promoção de uma reforma agrária, como queriam liberais como Joaquim Nabuco e André de Rebouças), o resultado dessa síntese que nunca se perfaz é que a casa-grande e a senzala bem como toda a simbologia que elas

encerram (a grande propriedade, a monocultura, o patriarcalismo, a mão de obra escrava, o espírito patrimonialista, o direito individual em detrimento do coletivo, as relações de mandonismo, a banalização da violência) se reedificam, respectivamente, nos oitocentos, nos sobrados urbanos e nos mucambos.

A abordagem do objeto de estudo por meio de um movimento dialético que não resulta em uma síntese plenamente integradora ao tempo que toma os métodos e as teorias produzidas pelas ciências humanas e sociais como linguagens pouco concisas, semiplenhas e incompletas, são faces do mesmo procedimento teórico-metodológico que vai urdir a obra de Freyre. Um procedimento teórico-metodológico que encontrou no ensaio – um gênero textual de natureza não menos inconclusa – a forma para o dizer e o como dizer da sua prosa científica, para a construção de uma obra que, de modo incansável, decifrava e recifrava permanentemente a realidade e, por desdobramento, de modo expressional, a própria linguagem analítica que buscava apreendê-la. O resultado é que em seus livros, opúsculos e artigos vamos encontrar uma narrativa plástica, nuançada, cheia de interpolações e recapitulações, não raras vezes se enroscando em si mesma, e que amiúde recorre a advérbios, prefixos e sentenças as quais, ao mesmo tempo que afirmam algo, o negam ou o relativizam, a exemplo do frequente uso dos termos “talvez”, “quase”, “ser e não ser”, “sugestões em torno de”, “semi” e “como e porque sou e não sou”. Agregue-se a esse afirmar, negar ou relativizar teorias, métodos científicos, linguagens, verdade dos fatos e o sentido das coisas, a recorrência com que Freyre citava em suas obras excertos literários, seja para ilustrar um dado tema em estudo, seja como ferramenta válida de análise e interpretação da realidade.

Sendo uma linguagem carregada de significados, que antes revela que afirma, que busca plasmar o indizível, que interroga o mundo não em busca de respostas, tal como aspira a ciência ou a filosofia, mas, sim, de respostas que se transformem em novas interrogações, a literatura se inscreveu na obra de Freyre sem causar ou promover nenhum tipo de ruído. É que em Freyre não há uma hierarquia de saberes e de acuidade analítica entre, de um lado, os métodos e as teorias científicas e, de outro, o modo como os escritores literários interrogam, narram, descrevem, interpretam e dão forma à realidade. Ambos os modos e saberes do ver, traduzir e interpretar o mundo que nos cerca encerravam, para Freyre, tantas

objetividades e subjetividades quantas são as objetividades e subjetividades expressivas que urdiam teórico-metodologicamente a gramática dos seus livros, opúsculos e artigos. Porém, poucos modos e saberes do ver, traduzir e interpretar o mundo são tão evocados nos livros, opúsculos e artigos de Freyre quanto os que foram ditos pelo poeta português Luís Vaz de Camões. Seu nome só rivaliza, em citações, com dois outros contemporâneos seus: o médico e botânico Garcia d’Orta e o cronista Fernão Mendes Pinto. Este, aliás, chamado por Freyre, em seu diário de viagem – *Aventura e Rotina* (1953) –, de “meu querido Fernão Mendes Pinto” (FREYRE, 1980, p. 411). Não só: Freyre assinala, ainda nesse mesmo texto, que apesar de Afonso de Albuquerque, Vasco da Gama e Luís de Camões serem considerados pelos portugueses como superiores a Fernão Mendes Pinto – seja “[...] em grandeza lusitana”, seja em “[...] significado nacional português [...]” –, o autor de *Peregrinação* “[...] talvez ganhe a todos em virtudes de universalidade e de sedução humana [...]” (FREYRE, 1980, p. 293). Em *Um brasileiro em terras portuguesas*, publicado em 1953, Freyre explica o motivo de Fernão Mendes Pinto começar a ser “[...] mais estimado, como valor literário de sentido universal, do que o próprio Camões [...]”: é que o poeta português vem sendo “[...] prejudicado por excessivo nacionalismo [...]” (FREYRE, 2010b, p. 107-108), não apenas dos portugueses, frise-se, mas também do próprio Camões, que foi “[...] talvez demasiadamente nacionalista no seu lusismo e demasiadamente político no seu nacionalismo, embora fosse já um lusismo colorido pela sensibilidade ao trópico e pelo amor à mulher escura” (FREYRE, 2010b, p. 175).

O apreço de Freyre ao “querido” Fernão Mendes Pinto reside no fato do autor de *Peregrinação*, assim como Camões e Garcia d’Orta, ser um antecipador do lusotropicalismo, que, no caso de Gilberto Freyre, busca, dentro de uma abordagem de longa duração sobre a colonização portuguesa nos trópicos, sistematizar a especificidade e a predisposição do povo português – enquanto povo transeuropeu –, para a miscigenação e para promover a interpenetração de etnias, culturas e credos religiosos, particularmente, por sua capacidade plástica e criadora em se adaptar aos trópicos, em construir sociedades nas quais os antagonismos étnicos, culturais e religiosos estariam sempre em equilíbrio (cf. MOREIRA, 2005; SILVA, 2019; CASTELO, 1999; CASTELO, 2010; BASTOS, 2015; CUNHA, 2015; BASTOS, 2010). “Equilíbrio de antagonismos” que, no caso brasileiro, se manifesta entre:

A cultura europeia e a indígena. A europeia e a africana. A africana e a indígena. A economia agrária e a pastoril. A agrária e a mineira. O católico e o herege. O paulista e o emboaba. O pernambucano e o mascate. O grande proprietário e o pária. O bacharel e o analfabeto. Mas predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo (FREYRE, 1984b, p. 53).

No entanto, ao considerar obras tão distintas como inscritas em um mesmo horizonte mental, a exemplo de uma crônica histórica – *Peregrinação* –, de um tratado de medicina – *Colóquio dos simples e drogas e coisas medicinais da Índia* – e de uma obra épica – *Os lusíadas* –, Freyre reitera que, para ele, é completamente indiferente se os textos em questão se inscrevem nos gêneros que encerram uma verdade textual (no caso de *Os lusíadas*) ou uma verdade extratextual (a exemplo da crônica histórica e do tratado de medicina); se a linguagem perseguida nesses textos é denotativa ou é carregada de significados (logo, temos também uma quase indiferença aos procedimentos formais e construtivos dessas obras); se são livros que lançam mão de uma mimesis que se dá pela semelhança (buscando apreender e narrar a realidade ou a Natureza do modo mais denotativo possível, a exemplo das obras científicas) ou, como no caso da literatura, que se processa pela diferença, enfatizando o caráter arbitrário entre o signo e o referente e, por fim, se são textos ficcionais ou não-ficcionais, isto é, se eles constroem um pacto de fingimento ou um pacto da verdade com o leitor.

No caso específico de Camões, o que chama a atenção de Freyre não são os procedimentos formais e construtivos de *Os lusíadas*, mas o seu caráter “realista e paracientífico” (FREYRE, 2010a, p. 143). Em um dos mais extensos estudos que dedicou ao poeta português, o ensaio “Camões, lusista e tropicalista”, inserido em *O luso e o trópico*, livro de 1961, Freyre assinala que o realismo de *Os lusíadas* traduz o espírito do seu criador – Camões –, que era um realista

[...] animado por uma quente imaginação de romântico aventureiro tanto no corpo como na alma. Guloso do que ele próprio chama “vária cor”, não só como artista: também como homem. Como homem de ciência e como homem simplesmente homem: português no viço do sexo: por conseguinte, com o sexo e o paladar nos olhos, nos ouvidos, no olfato, nas pontas dos dedos. Foi o que predispôs a ser tão sugestivo intérprete de um mundo cheio de cores e formas espantosamente novas para os olhos do europeu do século XVI, de

sabores ignorados pelo seu paladar, de perfumes estranhos ao seu olfato, de macios de corpo nu de mulher e de tecidos finos de vestir homem, ainda desconhecidos pela sensibilidade ou pela sensualidade europeia (FREYRE, 2010a, p. 145).

Eis, em linhas gerais, a dialética freyreana aplicada a um estudo de caso: de um lado, o homem Luís Vaz de Camões; de outro, o seu épico: ambos inscritos nessa imagem dual, nesse movimento entre o espírito “realista e paracientífico” que orienta *Os lusíadas* e o realismo de um autor “animado por uma quente imaginação de romântico aventureiro tanto no corpo como na alma”. Opostos – autor e obra – que ora se encontram, formando um todo coerente, como se irmãos siameses fossem, ora se opõem, como se Camões fosse um Dr. Jekyll e o seu épico encarnasse o Dr. Hyde, ao modo do romance *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson. Um épico que não existe sem que se considere aquele que o escreveu, e um Camões que seria menor se não tivesse obrado *Os lusíadas*. Assim, autor e obra se ligam umbilicalmente, distendendo-se permanentemente. Uma tensão que se dá entre o modo como *Os lusíadas*, enquanto forma de expressão, organiza a sua matéria mimetizada na prática da *imitatio* – inscrita em procedimentos formais, construtivos e discursivos de base classicista, mas, particularmente, inscrita naquilo que Luigi Lanzi denominou, em 1792, de Maneirismo – e, em um sentido oposto, um Camões que chegou até nós pelas lentes de biógrafos, críticos e escritores românticos e neorromânticos; um Camões que, no dizer de José Carlos Seabra Pereira (2011, p. 167), foi “[...] efetivamente lido e amado, mas mais imaginado e mitificado do que rigorosamente conhecido”. Essa dualidade vai construir a dialética entre um autor, o Camões “imaginado e mitificado” pelos românticos e neorromânticos, e a sua obra – *Os lusíadas* – de extrato classicista, mas que encerra um Maneirismo (cf. NASCIMENTO, 2011; MARNOTO, 2007) que Isabel Almeida (2011, p. 542) chama de “[...] estilo discursivo que excita e prende a atenção, por virtuosístico ou difícil [...]”. Não só: Freyre, sem descartar ou fugir desse Camões que, nos oitocentos, teve o seu perfil enredado por uma visada romântica e neorromântica, vai, ao seu modo, sem deixar de ser também um tanto romântico, ressignificá-lo. Seu Camões, sendo autor de uma obra “realista e paracientífica”, teria sido um antecipador do lusotropicalismo. E, assim, Freyre (2010, p. 153), segundo suas próprias palavras, seria somente um modernizador “[...] de substância

já antiga”, modernizador de um “[...] Camões à espera apenas de sistemática sociológica”. Mais:

Foi Camões um dos primeiros portugueses a lançar as bases para um conhecimento sistemático da natureza, das coisas tropicais, que correspondesse a necessidades portuguesas de expansão em países ou terras de clima, solo, condições de vida, formas e cores de paisagem, de homem, de mulher, de menino, para as quais o lusitano se sentia, como se sente hoje, particularmente predisposto ou inclinado devido, ao que parece, à situação ou à própria ecologia de Portugal e ao especialismo passado de gente portuguesa: gente meio moura e um tanto israelita na sua cultura (FREYRE, 2010a, p. 150-151).

É com a autoridade de um lusotropicalista *avant la lettre* que Camões e *Os lusíadas* vão ser evocados como detentores de modos e saberes do ver, traduzir e interpretar o mundo que o português criou. Nada obstante um Freyre (1983, p. 197), imbuído de um olhar romântico, escrever em seu *Médicos, doentes e contextos sociais*, livro de 1983, que Camões sofria de um certo mal (mal que, segundo ele, Garcia d’Orta não teria sofrido): o de ser “[...] demasiadamente apegado à imitação passiva dos gregos e latinos [...]”. Detalhe: como em Freyre a dialética entre autor e obra nunca é passivamente integradora, lemos no citado *Aventura e Rotina*, de modo desabusado e controverso, a sua defesa de que homens como Camões, Fernão Mendes Pinto, Padre Antônio Vieira, Almeida Garrett, Antero de Quental, Alexandre Herculano, Oliveira Martins e Eça de Queirós foram mais importantes do que as obras que criaram. Todos eles, diz Freyre (1980, p. 86), “[...] foram escritores: sendo intensamente homens e transbordantemente hispanos. Alongando sua condição de homens e de hispanos na de escritores. Sendo maiores como personalidades do que como estetas ou eruditos ou compositores literários”.

Controversa à parte, é antes como um homem dotado de uma personalidade dual – a de ser um realista “animado por uma quente imaginação de romântico aventureiro tanto no corpo como na alma” (FREYRE, 2010a, p. 145) – do que como esteta ou compositor literário que Freyre, em seu opúsculo de 1984 – *Camões: vocação de antropólogo moderno?* –, vê em Camões não apenas um lusotropicalista *avant la lettre*, mas também um antropólogo, ou melhor, um “protoantropólogo” assistemático, que produz uma obra valiosa “[...] tanto sob aspectos científicos como sob aspectos

humanísticos”, sendo *Os lusíadas* a “[...] maior das epopeias antropológicas, já escritas [...]”: seja do ponto de vista da “antropologia física”, seja da “antropologia social e cultural” (FREYRE, 1984a).

Relevando os procedimentos formais e construtivos de *Os lusíadas* e censurando o seu apego demasiado “[...] à imitação passiva dos gregos e latinos [...]” (FREYRE, 1983, p. 197), Freyre irá se voltar para o conteúdo de expressão do Camões realista, paracientífico, lusotropicalista, antropólogo ou protoantropólogo que permite ser explorado a partir de várias chaves. Uma delas é a que se volta para a expressão “vária cor”, manifesta em *Os lusíadas* em seu Canto Segundo – “Nos de sua companhia se mostrava/ da tinta que dá o múrice¹ excelente/ A vária cor, que os olhos alegrava,/ E a maneira do traje diferente” (CAMÕES, 1993, p. 85) – e no seu Canto Décimo – “Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam/ Da vária cor que pinta o roxo fruto;/ as aves variadas, que ali saltam,/ Da verde noz tomando seu tributo” (CAMÕES, 1993, p. 383).

De modo sincrônico, Freyre parece tomar a expressão camoniana como equivalente ao conceito romântico de “cor local”, acatada em uma dupla acepção. Na primeira, Freyre tem “vária cor” no sentido de algo que se origina na mente, no campo do inteligível, e que se manifesta quando o artista lança mão do modo subjetivo, quando não expressional, para apreender e representar a realidade em uma dada obra artística (cf. HUGO, 1988). Na segunda acepção, Freyre a toma em um sentido em que as fronteiras entre o sujeito e o seu objeto de estudo não se interpenetram. O artista não interfere no modo como a natureza e os costumes civilizacionais se apresentam perante os seus olhos, apenas busca descrevê-los da maneira mais realista possível. Vamos aos exemplos. Começamos pela primeira acepção. No livro *Sociologia*, publicado pela primeira vez em 1945, temos duas referências. Em uma delas, Freyre (2009, p. 51) defende que Camões “[...] fixa a “vária cor” do Oriente e do trópico com olhos portugueses”, isto é, a obra de Camões se inscreve em um conjunto de tantas outras obras que, desde os quinhentos, vêm, dentro de uma visada expressional (alguns diriam, Maneirista), promovendo uma

¹ Marisco de concha.

[...] tentativa de fixação do concreto, do vivo, do presente, daquele sentido de pitoresco e daqueles elementos cromáticos e mesmo dos líricos, a cultura luso-tropical e se refletem nos principais esforços de interpretação parassociológicas e sociológicas dessa mesma cultura que, desde dias remotos, vêm saindo de dentro dela sob formas talvez mais expressionistas que impressionistas [...]. (FREYRE, 2009, p. 51)

Em outra passagem dessa mesma obra, Freyre defende que diverso da estética classicista, que é “abstrat[a], repousante e universalista [...]”, o artista barroco, quando se volta para a natureza tropical, se manifesta “[...] vivamente regional, concreto, inquietante [...]” (FREYRE, 2009, p. 56). Natureza tropical essa que se caracteriza por ser pouco redutível às idealizações ou estilizações “[...] no sentido clássico ou classicista do repouso, da ordem, da harmonia chamada ‘mediterrânea’” (FREYRE, 2009, p. 56). Para Freyre, se o classicismo pode ser interpretado “[...] sob a forma de saber ou arte à procura de essências – essências redutíveis a abstrações –, [...] o barroco se ligaria à existência; seria existencialista em oposição ao classicismo abstracionista [...]” (FREYRE, 2009, p. 56). Era o que o crítico português Antônio Quadros, citado por Freyre, chamava de “estar-no-mundo” e “estar-em-situação”, seja no espaço, no tempo ou no espaço-tempo. Esse barroco tropical exige, segundo Freyre, que a moderna sociologia o interprete arbitrariamente “[...] sem idealizá-l[o] em abstrações puras ou em reduções a essências de sentido universal [...]” (FREYRE, 2009, p. 56). Nesse caso, Camões e o seu épico teriam antecipado essa “[...] sociologia mais inquieta e, em mais de um sentido, mais experimentalista que a outra; mais que a outra, atenta ao chamado pitoresco que acompanha o que é diverso, contraditório, inesperado nas várias culturas regionais ou na sua ‘vária cor’, como diria Camões [...]” (FREYRE, 2009, p. 56).

Ainda dentro dessa acepção, antes nominalista do que classicista, de “vária cor”, Freyre discute em seu livro *Um brasileiro em terras portuguesas* as teses que buscam explicar o que teria levado o português a sentir uma “simpatia” pelos trópicos e o Oriente, a ser “[...] amigo daquela aparência e formas pitorescas de vida que ‘prendem o sentido’: principalmente a cor. A ‘vária cor que os olhos alegrava’, a que Camões se refere” (FREYRE, 2010b, p. 109). A pergunta já encerra implicitamente uma resposta: aquilo que “prende o sentido”, que alegra os olhos, e que está calçado no “[...] vivamente regional, concreto, inquietante [...],” (FREYRE, 2009, p. 56) só

se dá quando o poeta de formação classicista consegue transigir a estética estilizada, “abstrat[a], repousante e universalista [...]” do classicismo (FREYRE, 2009, p. 56). Logo, apesar de Camões ser demasiado apegado “[...] à imitação passiva dos gregos e latinos [...]” (FREYRE, 1983, p. 197), é, segundo Freyre, quando se insurge contra esse classicismo que ele – o realista, o paracientífico, o antropólogo ou protoantropólogo – pode fixar em sua obra a “vária cor que os olhos alegrava” (FREYRE, 2010b, p. 109) e se fazer, então, um lusotropicalista. Afinal, diz Freyre (1984a), foram “nessas antecipações [...] que o épico deixou, por vezes, de ser eloquente para ser objetivo”.

Se, nessa primeira acepção de “vária cor”, a realidade mimetizada se faz signo arbitrário, subjetivo e expressional, na segunda acepção há, por parte de Freyre, uma tentativa de buscar naturalizar a relação entre natureza e signo. No caso, apreender e descrever a realidade sem nenhuma subjetividade, mas apenas como ela se apresenta perante os sentidos do poeta. É o que lemos em seu livro *Insurgência e ressurgências atuais* (1983). Ao discorrer sobre a miscigenação no Brasil, Freyre declina uma pergunta retórica e evoca a “vária cor” camonianiana como um argumento de autoridade:

Não é crescente, na população brasileira, um amorenamento sem que esse amorenamento, em vez de uniformemente e inexpressivamente pardo, como pretende o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em sua expressão de morenidade, seja a ‘vária cor’, através de vários graus de morenidade, das palavras de Camões? (FREYRE, 2006, p. 258-259).

Ou seja, a ciência que pretende reduzir a uma única categoria – a de pardo – os vários tons de pele que a miscigenação produziu no Brasil é uma ciência que se comporta de modo semelhante ao classicismo “abstrato, repousante e universalista [...]” (FREYRE, 2009, p. 56). Assim, a “vária cor”, neste caso, deixa de ser a expressão que encerra o olhar expressional e nominalista sobre uma realidade “que se caracteriza por ser pouco redutível às idealizações ou estilizações” (FREYRE, 2009, p. 56), para ser, mudando o que deve ser mudado, a régua que dá a medida exata e realista sobre os fenômenos manifestos no mundo tropical.

Para Freyre, Camões – por seu pendor realista, paracientífico, lusotropicalista, antropólogo ou protoantropólogo – é uma autoridade a ser evocada pelas ciências humanas e sociais: seja quando apreende e descreve

a realidade sem ultrapassar as fronteiras entre o sujeito e o seu objeto; seja quando o seu “[...] saber experimental [...]” se sobrepõe “[...] sobre o abstrato mnemônico e retórico [...]” (FREYRE, 1990, p. 207). Em seu livro *Insurgências e ressurgências*, é esse “saber experimental” de Camões que será evocado por Freyre na passagem em que afirma ser *Casa-grande & senzala*

[...] um livro misto de ciência e de literatura. Livro à base de dois saberes nos quais, quando o autor os vive, vive-os experiencialmente. A experiência vivida – celebrada por Camões – tão valiosa no setor humanístico – histórico, filosófico, artístico – quanto no das ciências tidas por mais exatas mas não apenas de mensuração, nos seus métodos de indagar e apresentar realidades, como as mais capazes de recorrer a números, o autor desse livro brasileiro a experimentara intensa e extensamente. Daí ter chegado a tocar no assunto que procurou analisar e interpretar como que o apalpando com dedos de são Tomé: sensuais (FREYRE, 2006, p. 80).

Não é apenas do ponto de vista teórico-metodológico que Freyre relaciona Camões ao modo como *Casa-grande & senzala* foi pensado e concebido, mas também como fonte documental dessa obra. Assim, em *Casa-grande & senzala*, ele relaciona a crítica do padre Anchieta – de que ao nativo do Brasil faltava “engenho” – à crítica correlata que Camões fizera aos portugueses, isto é, a de que faltava “[...] inteligência, acrescida do fato de não estudarem com cuidado e de tudo se levar em festas, cantar e folgar [...]” (FREYRE, 1984b, p. LXXX). Ainda em *Casa-grande & senzala*, somos lembrados que o “[...] velho de Restelo, em cuja boca Camões dramatizou o conflito entre os interesses da agricultura e os do Oceano, teria apenas repetido o gesto ingênuo do Rei Canuto querendo parar as ondas” (FREYRE, 1984b, p. 241). Em seu *Novo mundo nos trópicos*, livro de 1963, Freyre, ao discorrer sobre as “entradas” paulistas, lembra que as primeiras gerações de mamelucos de São Paulo resultam não de uma política da Coroa portuguesa que promovesse a miscigenação entre lusitanos e indígenas, mas da escassez de mulheres brancas ou europeias no Brasil colônia. Assim, declinando um discurso envolto em panos mornos sobre a violência que foram as “entradas” e o seu contato com as nações indígenas, diz Freyre:

o velho espírito lusitano exaltado por Camões no seu famoso poema arrastou, como era natural que arrastasse, muito português ambicioso e de coragem às matas e aos sertões da América tropical, onde eram fáceis as mulheres índias. A poligamia acabou por se tornar uma compensação à dura vida que levavam esses intrépidos pioneiros. (FREYRE, 2000, p. 99)

No entanto, apesar de ser o Camões realista, paracientífico, lusotropicalista, antropólogo ou protoantropólogo assistemático o que mais lhe suscita interesse; apesar de criticar o Camões demasiado apegado “[...] à imitação passiva dos gregos e latinos [...]” (FREYRE, 1983, p. 197), ao “[...] ranço da retórica acadêmica [...]” (FREYRE, 2010a, p. 145) e aos “[...] excessos de retórica erudita que uma vez por outra o prejudicam” (FREYRE, 2010a, p. 147), Freyre irá elogiar e ressaltar o que *Os lusíadas* contém de inovador no campo linguístico, particularmente o inventor de palavras, que fez “[...] uma língua neolatina refletir luzes e sugerir cores e formas extraeuropeias de vida e de figura humana” (FREYRE, 2010a, p. 159), a exemplo das “[...] novas combinações de adjetivos com substantivos [...]” (FREYRE, 2010a, p. 159); e da adjetivação “[...] nova e até esquisita em língua portuguesa [...]” (FREYRE, 2010a, p. 158). Palavras que foram usadas plasticamente por Camões em “[...] posições e relações de tal maneira novas para os olhos e os ouvidos lusitanos [...]” do século XVI (FREYRE, 2010a, p. 146), que

[...] deve ter tido [...] alguma coisa do *Ulisses*, de Joyce, para a gente moderna. Alguma coisa de novo nos próprios sons de palavras pela primeira vez juntas ou reunidas, em inesperadas relações talvez menos lógicas que psicológicas de adjetivos nunca antes acrescentados a substantivos (FREYRE, 2010a, p. 146).

Freyre defende também que toda essa inovação que Camões trouxe para a língua portuguesa não se deu por puro capricho retórico, mas como resultado do modo como ele submeteu a realidade exterior ao seu Eu subjetivo encerrando, em uma só visada, análise, emoção, intuição, sensibilidade e interpretação buscando, assim, ultrapassar as fronteiras entre o sujeito e o seu objeto de estudo. O resultado, diz Freyre, é que

[...] sob a fascinação de uma luz que só se conhece nos trópicos e que só nos trópicos aviva de brilhos sem nuanças europeias, o vermelho, o verde, o azul, o amarelo, até fazer dessas cores, novas cores, enriquecidas também de novos esplendores pelos amarelos, pardos, vermelhos que resultam da mistura de raças entre os homens, Camões se tornou um grande renovador da língua portuguesa. Um revolucionário de um vigor, de uma audácia, de uma plasticidade que, entre os escritores do seu tempo, só foi excedida, talvez, pelo menos erudito, porém mais psicólogo, mais artista, mais escritor de prosa ao mesmo tempo sociológica e política, Fernão Mendes Pinto; e nos tempos seguintes, em Portugal, igualada apenas por Oliveira Martins e Eça de Queirós: um Eça marcado de orientalismo pelo contato breve, mas voluptuoso, com o Oriente que para sempre inundou de cores não europeia a sua visão do mundo; e, no Brasil, pelas audácias ou violências verbais de tropicalista que dão a Euclides da Cunha o seu maior de originalidade (*sic*). Foi Euclides fraco, talvez, na sensibilidade às cores – tão aguda em Camões, Fernão Mendes Pinto, Eça, Oliveira Martins, Ramalho, Fialho –, mas estranhamente forte nas reações às formas mais ásperas de paisagens e de gentes tropicais, que procurou traduzir em novo e tropicalíssimo barroco, diferente do jesuítico-tropical de Vieira. (FREYRE, 2010a, p. 157).

Freyre defende que os trópicos não só foram responsáveis por marcar a sensibilidade visual de Camões, levando-o a se tornar “um grande renovador da língua portuguesa” (FREYRE, 1984a), mas também que essa língua portuguesa por ele fixada em sua obra deve muito, como vimos, aos sons tropicais que chegaram aos seus ouvidos. Diz Freyre sobre o resultado dessas sonoridades:

E esses sons orientais modificadores, como sons de uma nova musicalidade, da língua portuguesa, parece justo conjeturar-se que Camões os teria quase volutuosamente assimilado de bocas brasileiras. De bocas de mulheres em particular, dada sua especial sensibilidade a orientalismos projetados sobre lusitanidades saídos de bocas, sorrisos, de gestos femininos. Mas de bocas de gentes brasileiras em geral: de bocas de homens, de meninos, de ameríndios ainda verdes no seu uso da língua portuguesa, de negros dos madrugadoramente trazidos de Áfricas para um Brasil onde encontrariam o mesmo trópico de suas terras nativas [...]. (FREYRE, 1984a).

Conclusão

O Camões que se inscreve na obra de Gilberto Freyre é tanto um Camões sentimental, presente na sua vida doméstica (seu avô, Alfredo, e seu pai, o professor Alfredo Freyre, assim como muitos das suas gerações, eram leitores e cultores do bardo português e, por desdobramento, Freyre se familiarizou com Camões desde a sua infância),² quanto um Camões lido por um Gilberto Freyre adulto, construtor de um projeto intelectual que busca

² Alguns exemplos. Em seu diário de juventude, *Tempo morto e outros tempos*, Freyre anota em 1915: “Não me parece que a meu Pai tenha agradado o outro dia ver-me deliciado na leitura de velhos almanaques – os números dos primeiros anos da coleção do Almanaque de lembranças lusobrasileiro, que foi do meu Avô Alfredo – cheio de poesias e crônicas sentimentais e de biografias de poetas e escritores dos que ele, seco como é, parece considerar piegas. Meu Avô Alfredo deixou esses almanaques todos marcados a lápis: era charadista, diversão que não me atrai. Mas também há dele marcas a lápis em biografias, crônicas e poemas nesses almanaques, como noutros livros que são hoje de meu Pai como as Obras completas de Camões, de Garrett, de Frei Luís de Sousa que venho lendo com o maior interesse. Estes, recomendados por meu Pai, por serem escritos ‘no melhor português que se conhece’. Só por isso – para ele. Meu avô era um dono de engenhos – três – e um comissário de açúcar dado a boas leituras. Meu Pai foi seu filho predileto. Que pensaria do neto?” (FREYRE, 1975, p. 4-5). Em outra passagem desse mesmo diário de juventude, escreve Freyre em 1924: “Leitor desse excelente *Almanach* ele [seu avô, Alfredo] parece ter sido dos mais devotados entre os brasileiros do seu tempo. O que não significa que essa fosse sua leitura única. Na casa-grande do Engenho Trombetas, como na sua casa da Rua do Alecrim, viveu cercado de livros, alguns dos quais meu Pai foi herdeiro. Livros sérios. Sua preferência era por obras de História – repito o que já escrevi neste diário. Alexandre Herculano, o seu historiador máximo. Mas estendia seu entusiasmo a Oliveira Martins – com quem não deixou de ter afinidades de caráter pessoal – e Latino Coelho. Fora da literatura rigorosamente histórica, foi leitor, também entusiástico, de Garrett e de Rebelo da Silva. E Camões, sabia grande parte de cor, como sabe meu Pai” (FREYRE, 1975, p. 154). Em *Aventura e rotina*, Freyre anota em agosto de 1951: “No alto da Penha, o velho Freyre, meu pai, que me acompanha a lembrar-se do muito de Camões e de Herculano que sabe de cor, deixa se ter setenta e seis anos para sentir-se um adolescente tocado pelos devaneios germanicamente românticos de Dom Fernando: ponte levadiça, torres, bastiões, ameias” (FREYRE, 1980, p. 25-26). Ainda no mesmo ano e no mês de setembro, Freyre registra: “Em Batalha, quem quase cai em estado de transe, lembrando-se da página célebre de Herculano, é o velho Freyre. E nesses seus estados quase de transe o velho Freyre dá para recitar o autor mais ligado ao monumento ou à paisagem portuguesa que o empolgue e que nunca é Camilo e raramente chega a ser Garrett: quase sempre é Herculano e algumas vezes Camões ou Frei Luís de Sousa” (FREYRE, 1980, p. 115).

pensar e construir uma narrativa interpretativa sobre as sociedades tropicais e, particularmente, a brasileira; um Freyre que irá promover uma “negociação” (cf. BRITO, 2019) histórico-política, realizada por meio de uma leitura sincrônica e expressional, entre o passado e o presente, tendo como fim construir uma gramática que calçasse o seu conceito de lusotropicalismo. Conceito esse que precisa se respaldar não somente em obras que revelem as constantes portuguesas de aventura e ação nos trópicos, mas também em textos – literários ou não – que descrevam e narrem essa realidade por uma perspectiva realista, paracientífica, antropológica ou protoantropológica e não por um olhar puramente estético-literário, particularmente quando esse estético-literário está demasiadamente apegado “[...] à imitação passiva dos gregos e latinos [...]” (FREYRE, 1983, p. 197), ao “[...] ranço da retórica acadêmica” (FREYRE, 2010a, p. 145) e ao classicismo “abstrato, repousante e universalista [...]” (FREYRE, 2009, p. 56).

Assim, se Camões emula o classicismo “abstrato, repousante e universalista [...]” por meio da sua visada Maneirista, Freyre, a partir do seu alogicismo expressionista, emula Camões e sua obra épica submetendo-o ao seu Eu subjetivo. Desse modo, rompendo as fronteiras entre o homem Luís de Camões e o seu Épico *Os lusíadas*, Freyre não só esgarça os limites que separam o autor do narrador como também – enquanto sujeito que aborda tanto o autor quanto a sua obra – rompe as fronteiras entre o sujeito e o seu objeto de estudo. Seu Camões e o seu *Os lusíadas* são, – como todos os demais Camões e *Os lusíadas* que, nos últimos quatro séculos, saíram da pena e da imaginação de tantos críticos, historiadores da literatura e ideólogos políticos – também, frutos de uma “negociação” que cada época e cada crítico fizeram com o bardo português e a sua obra: seja ela histórico-política, seja estético-literária. É, assim, por meio dessa “negociação” que Freyre inscreve Camões e a sua obra em sua gramática sociológica e antropológica e, principalmente, o eleva ao panteão de um dos percussores do Lusotropicalismo que, emulado pelo tempo e pelos ventos político-ideológicos, mudou de roupa e se apresenta, hoje, nos salões do mundo que o português criou com o nome de Lusofonia.

Referências

- ALMEIDA, I. Maneirismo em Camões. *In: SILVA, V. A. (coord.). Dicionário Luís de Camões*. São Paulo: Leya, 2011. p. 542-554.
- BARBOSA, V.; GASPAR, L. (org.). *Gilberto Freyre jornalista: uma bibliografia*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010.
- BASTOS, C. *Aventura e rotina: um livro de meio de percurso revisitado*. *In: CARDÃO, M.; CASTELO, C. (org.). Gilberto Freyre: novas leituras do outro lado do Atlântico*. São Paulo: Edusp, 2015. p. 35-48.
- BASTOS, E. R. Prefácio à presente edição. *In: FREYRE, G. O luso e o trópico: sugestões em torno dos métodos portugueses de integração de povos autóctones e de culturas diferentes da europeia num complexo novo de civilização: o luso-tropical*. São Paulo: É Realizações, 2010. p. 9-14.
- BRITO, M. Camões à brasileira ou panorama sobre o lugar de Camões no Brasil. *Colóquio Letras*, Lisboa, n. 202, p. 127-136, set./dez., 2019.
- CAMÕES, L. de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- CANDIDO, A. Aquele Gilberto. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 jul. 1987. Política, p. A-12.
- CANDIDO, A. Gilberto Freyre crítico literário. *In: GILBERTO Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte – ensaios sobre o autor de Casa-Grande & Senzala e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação desse livro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. p. 120-124.
- CASTELO, C. *O modo português de estar no mundo: o Luso-Tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*. Porto: Afrontamento, 1999.
- CASTELO, C. Prefácio à presente edição. *In: FREYRE, G. Um brasileiro em terras portuguesas: introdução a uma possível lusotropicologia acompanhada de conferências e discursos proferidos em Portugal e em terras lusitanas e ex-lusitanas da Ásia, da África e do Atlântico*. São Paulo: É realizações, 2010. p. 13-30.
- CUNHA, L. O luso no trópico, ou porque não pode Olinda ser Holanda. *In: CARDÃO, M.; CASTELO, C. (org.). Gilberto Freyre: novas leituras do outro lado do Atlântico*. São Paulo: Edusp, 2015. p. 70-78.

FREYRE, G. *Aventura e rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação*. Rio de Janeiro: José Olympio; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1980.

FREYRE, G. Camões, lusista e tropicalista. In: _____. *O luso e o trópico: sugestões em torno dos métodos portugueses de integração de povos autóctones e de culturas diferentes da europeia num complexo novo de civilização: o luso-tropical*. São Paulo: É Realizações, 2010a. p. 143-160.

FREYRE, G. *Camões: vocação de antropólogo moderno?* São Paulo: Conselho da Comunidade Portuguesa do Estado de São Paulo, 1984a. Não paginado.

FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984b.

FREYRE, G. *Insurgências e ressurgências atuais: crescimento de sins e não num mundo em transição*. São Paulo: Global, 2006.

FREYRE, G. *Médicos, doentes e contextos sociais: uma abordagem sociológica*. Rio de Janeiro: Porto Alegre: Globo, 1983.

FREYRE, G. *Novo mundo nos trópicos*. Rio de Janeiro: Topbooks: UniverCidade Editora, 2000.

FREYRE, G. *Ordem e progresso: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre e da monarquia para a república*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

FREYRE, G. *Sociologia: introdução ao estudo dos seus princípios*. São Paulo: É Realizações, 2009.

FREYRE, G. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

FREYRE, G. *Um brasileiro em terras portuguesas: introdução a uma possível lusotropicologia acompanhada de conferências e discursos proferidos em Portugal e em terras lusitanas e ex-lusitanas da Ásia, da África e do Atlântico*. São Paulo: É realizações, 2010b.

GIANNOTTI, J. A. Vida e obra. In: COMTE, A. *Curso de filosofia positiva; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Os Pensadores).

HUGO, V. *Do grotesco e do sublime*: tradução do “Prefácio de Cromwell”. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MARNOTO, R. Sobre o sentido do lirismo camoniano. In: _____. *Sete ensaios camonianos*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2007.

MELLO, E. C. de. O “ovo de Colombo” gilbertiano. In: ARAÚJO, R. M. B.; FALCÃO, J. *O imperador das ideias*: Gilberto Freyre em questão. Rio de Janeiro: Colégio do Brasil: UniverCidade: Fundação Roberto Marinho: Topbooks, 2001.

MOREIRA, A. Lusografia. In: CRISTOVÃO, F. (dir. e coord.); AMORIM, M. A.; MARQUES, M. L. G.; MOITA, S. B. *Dicionário Temático da Lusofonia*. Lisboa; Luanda: Praia: Maputo: Textos Editores: ACLUS, 2005.

NASCIMENTO, M. T. *O diálogo na literatura portuguesa Renascimento e Maneirismo*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2011.

PEREIRA, J. C. S. Camões e o Neorromantismo. In: SILVA, Vítor Aguiar e (coord.). *Dicionário Luís de Camões*. São Paulo: Leya, 2011.

SILVA, A. G. da. *Gilberto Freyre no pós-guerra*: por um modelo alternativo de civilização. São Paulo: Editora Unifesp, 2019.

Recebido em: 15 de janeiro de 2020.

Aprovado em: 6 de julho de 2020.